

“COM ELE ASSIM, HOJE EU SEI ME EXPRESSAR”:  
O DISCURSO-CABELO, A CONSTRUÇÃO DA  
SUBJETIVIDADE E O DISPOSITIVO DA TRANSIÇÃO  
CAPILAR

“WITH IT LIKE THIS, TODAY I KNOW HOW TO  
EXPRESS MYSELF”: THE HAIR DISCOURSE, THE  
CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY AND THE HAIR  
TRANSITION DEVICE

Dandara Silveira Monteiro\*

**RESUMO:** Neste artigo, pretende-se apresentar uma análise dos discursos da transição capilar, em sua polivalência tática (Foucault, 2017), considerando seus tensionamentos e positivações. O *corpus* é composto por excertos de duas entrevistas feitas com mulheres que passaram pela transição, para evidenciar as regularidades discursivas observadas: tal prática opera na construção da subjetividade e “dessubjetividade” das transicionadas, por meio de enunciados de empoderamento e que atendem, também, a um interesse mercadológico (ancorado no imaginário de beleza e de visibilidade). Ainda assim, há positivities nessas práticas ao considerar-se que esse retorno ao “natural” também opera na (re)significação da estética negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso. Biopolítica. Dispositivo da Transição Capilar.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present an analysis of the discourses of hair transition, in its tactical polyvalence (Foucault, 2017), considering its tensions and positivities. The corpus is made up of excerpts from two interviews with women who have undergone the transition, in order to highlight the discursive regularities observed: this practice operates in the construction of the subjectivity and “desubjectivity” of the transitioned women, through statements of empowerment and which also serve a market interest (anchored in the imaginary of beauty and visibility). Even so, there are positives in these practices when you consider that this return to the “natural” also operates in the (re)signification of black aesthetics.

**KEYWORDS:** Discourse analysis. Biopolitics. Hair Transition Device.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC), mestra em Linguística (UFSC), graduada (licenciatura e bacharelado) em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (UFSC). E-mail: dandara.s.monteiro@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

A construção da negritude também passa pelo cabelo: este historicamente tido como negativo e, portanto, negado pelas pessoas negras (num processo de inferiorização e de branqueamento). Nos últimos anos no Brasil, popularizou-se o movimento de retorno ao “cabelo natural”, chamado de transição capilar. Esse movimento é ancorado em enunciados de recusa do cabelo liso, por meio do abandono de procedimentos alisantes e do resgate das tradições negras, as quais também envolvem a estética.

Com a prática da transição capilar e os crescentes discursos de aceitação dos cabelos crespos, as mulheres começaram a “assumir” um tipo de cabelo que antes era socialmente rejeitado, em uma recusa do padrão eurocêntrico de beleza que estabelece o liso, longo, sem volume e maleável como cabelo bonito e de prestígio. Nesse sentido, esse movimento de reinvenção da negritude também envolve o processo de transição.

Há, ainda, deslocamentos econômicos observados nesse *boom* da transição capilar. Como o aumento da participação de personalidades negras, com cabelos cacheados e crespos, nas publicidades de empresas de cosméticos, com slogans de “representatividade” (esta que também pode ser problematizada, pois é possível perceber um padrão desses corpos e desses cabelos “vitrines”). Sob esse aspecto, em abril de 2017, a empresa Salon Line<sup>1</sup> anunciou a cantora Ludmilla como embaixadora da marca, juntamente com a divulgação de que ela passava pela transição capilar. Assim, a cantora seria a representante das cacheadas e crespas. No entanto, essa parceria causou uma explosão discursiva nas redes sociais da marca pelo fato de Ludmilla usar *laces* e tranças, ao invés de “mostrar” o seu cabelo natural. Conforme os comentários observados, essa postura invalidaria a prática da transição.

Dessa forma, por meio da repercussão da transição da cantora e das vivências de transição capilar observadas em grupos de retorno aos cabelos cacheados e crespos no *Facebook*, alguns questionamentos surgiram: afinal, do que se tratava a transição capilar? Quais os jogos de saber-poder sobre o cabelo, o corpo e a raça envolviam essa prática?

Partindo dessas inquietações, um estudo de análise dos discursos da transição capilar foi construído, observando como essa prática opera na construção da subjetividade das mulheres que passam pela transição e, ao mesmo tempo, da dessubjetividade que também pode ser constatada nesse processo (levando em consideração o estilo de cabelo idealizado como cacheado “natural”, por exemplo).

---

<sup>1</sup> A Salon Line é uma das principais empresas especializadas em produtos para cabelos cacheados e crespos. Com a popularização do movimento de transição, ela também aparece com umas pioneiras no lançamento de produtos para o público em transição, inclusive, investindo em propagandas e nas chamadas embaixadoras da marca (influenciadoras digitais que divulgam os produtos).

Assim, neste artigo, apresento alguns dos resultados<sup>2</sup> da pesquisa de mestrado “Hoje eu sei me expressar”: os discursos de empoderamento e de naturalização nas narrativas da transição capilar (Monteiro, 2020), na qual foram realizadas entrevistas<sup>3</sup> com mulheres que passaram pela transição capilar durante o período de *boom* da transição. É importante enfatizar que este estudo foi realizado por meio de duas etapas de análise: a primeira envolveu a realização das entrevistas semiestruturadas com mulheres que aderiram à transição capilar nos últimos anos; a segunda refere-se à observação participante em um salão de beleza especializado em cabelos cacheados, crespos e em transição capilar. Dessa forma, a intenção é expor as regularidades discursivas observadas nessas narrativas, analisando o modo como a prática da transição opera na construção da subjetividade dessas mulheres e suas ambiguidades, considerando os efeitos dessa prática na resignificação da estética negra e, por outro lado, de uma busca por um novo padrão de cacho perfeito (Giampá, 2016).

Com esse intuito, partirei da genealogia foucaultiana para refletir sobre o modo como alguns enunciados emergem ao invés de outros. Considerando a recorrência desses enunciados nos discursos de resistência e de naturalidade, bem como sua polivalência tática (Foucault, 2017), pretendo analisar as ambiguidades do dispositivo considerado como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2007, p. 244).

Adicionalmente, serão apresentadas as discussões de Foucault (2005) sobre biopolítica, através dos racismos e das estratégias de exclusão para analisar as tecnologias de controle dos corpos que atuam nas relações de subjetivação e dessubjetivação observadas. Prefiro pensar, seguindo a proposição de Foucault, nessas relações como “nós em uma rede”. Além disso, será feita uma reflexão sobre as cisões verificadas nesses movimentos de (re)construção das tradições negras.

A trajetória proposta neste artigo inicia-se com reflexões sobre biopolítica, os racismos indiretos e as estratégias de poder racializantes. Seguindo a perspectiva de “tornar-se negra” proposta por Gonzalez (1984), fundamental para pensar a construção da subjetividade das mulheres negras participantes deste estudo. Na sequência, na seção de análise, serão abordadas

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de duas etapas de análise: a primeira delas envolveu a realização das entrevistas semiestruturadas com mulheres que aderiram à transição capilar nos últimos anos; já a segunda se refere à observação participante em um salão de beleza especializado em cabelos cacheados, crespos e em transição capilar. Neste artigo, serão abordadas somente duas das entrevistas, considerando as suas regularidades discursivas.

<sup>3</sup> Este estudo consta no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 03432818.4.0000.0121, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

as regularidades discursivas presentes nas duas entrevistas selecionadas, observando o jogo ambivalente que emerge nessas narrativas. Para concluir, farei uma revisão do percurso e discutirei as possibilidades para além dos estudos realizados até o momento.

## **A BIOPOLÍTICA, SUAS CISÕES E A PRODUÇÃO DE SI**

Para adentrar nas discussões a respeito das relações de subjetivação e dessubjetivação que podem ser observadas nos discursos da transição capilar, é preciso abordar, primeiramente, as estratégias de exclusão, a partir da perspectiva foucaultiana de biopolítica. Isso permitirá observar como racismos, dentro dessa lógica, incidem sobre o corpo individual e, ao mesmo tempo, sobre o coletivo, considerando ainda o cabelo enquanto corporificação de discursos racializantes.

Desta maneira, na *aula de 17 de março de 1976* (2005) e em *Direito de morte e poder sobre a vida* (2017), Foucault descreve o funcionamento das sociedades de controle, que utilizam a vida como estratégia de manutenção do poder. Assim, o soberano é o primeiro a ser descrito e consistia na proteção daquele que comanda a todas as pessoas (o soberano). Este poder permitia “causar a morte ou deixar viver” (Foucault, 2017, p. 146), em que as pessoas controladas por esse, para que pudessem viver, deveriam, se necessário, sacrificarem-se por ele ou, no caso de rebelarem-se, ser mortas publicamente: “[...] o poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la” (Foucault, 2017, p. 146).

Na época clássica, o autor aponta para mudanças nas relações de poder, agora centradas no aperfeiçoamento do corpo individual que se inscreve no coletivo. Nesse sentido, aparece uma perspectiva de disciplina individual e regulação coletiva definida por Foucault como sociedade disciplinar. Nessa sociedade disciplinar, produz-se a ideia de vida coletiva e de população, ancoradas na perspectiva de proteção e garantia da vida desse coletivo que, nesse caso, inclui defendê-lo de ameaças externas: “As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver” (Foucault, 2017, p. 147). Desse modo, no poder disciplinar, o controle da vida se ancora em enunciados de bem-estar e envolve tanto o corpo individual, que é produtivo, é máquina e se aperfeiçoa para produzir cada vez mais (por uma perspectiva capitalista), quanto o coletivo, através do gerenciamento de nascimentos, óbitos, sanitização, etc.

Nessa perspectiva, Foucault define a biopolítica como tecnologia de gestão da vida que conecta o biológico e o político a fim de regular e controlar os/as/es sujeitos/as/es. Como destacado pelo autor, “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (Foucault, 2017,

p. 150). Dentro dessa tecnologia de poder, as estratégias de exclusão sustentam as sociedades contemporâneas, definidas pelo autor como racismos indiretos, os quais consistem no “[...] corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (Foucault, 2005, p. 304). Segundo Foucault, o racismo é a base da biopolítica por ser o mecanismo que define as vidas mais ou menos dignas de serem consideradas “humanas”, a garantia da vida acontece por meio da preservação biológica daqueles que conseguem atingir o patamar biológico da humanidade:

[...] O racismo se forma nesse ponto (racismo em sua forma moderna, estatal, biologizante): toda uma política do povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes no nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana, receberam então cor e justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça (Foucault, 2017, p. 162).

É importante destacar que, para Foucault, o racismo envolve a raça, mas também abrange todas as pessoas consideradas anormais ou situadas nas margens (Santiago, 2000), incluindo a criminalidade, a loucura, entre outras “anormalidades marginais”, definidas como racismos indiretos. Através desses mecanismos, são legitimadas as ações que tiram a vida dessas pessoas incluídas nessa categoria de exclusão.

A partir da perspectiva foucaultiana, Mbembe (2011) discute sobre os modos como o racismo influenciou na colonização, introduzindo o conceito de necropolítica, que consiste na tecnologia de gestão da vida por meio da morte. Por esse viés, a distinção entre as pessoas é determinada pela raça e, especialmente, pela animalização daquelas consideradas inferiores, sujeitas a serem exterminadas sem que haja a necessidade de responsabilização por essas mortes. O autor argumenta que a raça, a escravização e a modernidade estão associadas, já que as pessoas negras são historicamente tidas como animais, tanto em relação à sua humanidade e subjetividade quanto ao seu trabalho. Assim, Mbembe aponta que o Negro

[...] foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital (Mbembe, 2014, p. 19).

O autor aborda também as variadas formas de produzir exceção na contemporaneidade, definidas por ele como microrracismos, que produzem “[...] seres de dor, pessoas cuja vida é constantemente invadida por vários outros ameaçadores” (Mbembe, 2017, p. 233). Desse modo, há a manutenção da violência e da exclusão por meio da deterioração da vida, ainda que esses microrracismos não causem a morte direta das pessoas consideradas menos dignas de serem “humanas”. Eles impactam, por exemplo, no imaginário de inferioridade, de não

pertencimento e de insegurança, que também se reflete na dificuldade de acesso a oportunidades e recursos. Um exemplo disso é o dispositivo capilar que proponho analisar neste estudo. Nesse contexto, a imposição do padrão de cabelo liso produz uma regulação dos corpos, numa estratégia biopolítica (Foucault, 2005), por meio de um discurso de branqueamento.

Nesse dispositivo capilar, à luz do que propõe Mbembe (2017), a linguagem é fundamental na produção e na manutenção da exclusão, por meio dos discursos que envolvem o imaginário negativo socialmente construído sobre os cabelos afros<sup>4</sup> e dos corpos negros. Esses discursos perpetuam a inferiorização das pessoas negras e suas características, mantendo uma associação historicamente negativa. Por essa perspectiva, pretendo analisar os discursos sobre os cabelos e seus atravessamentos na construção da subjetividade das pessoas que decidem "assumir" os cabelos afros.

Pensando nas ambiguidades presentes nos discursos da transição capilar, a recusa dos padrões de beleza eurocêtricos de corpo e de raça, assim como a recusa pelos alisamentos e o retorno aos cabelos naturais podem ser lidas com uma cisão biopolítica. Isso se inscreve no jogo poder-resistência sobre os cabelos, que (re)constrói as subjetividades das mulheres, ultrapassando a materialidade do corpo, lida aqui como poder-corpo (Foucault, 2017), que também cria redes de saberes mobilizadores da máquina mercadológica (considerando o aumento de produtos voltados para essa nova urgência e do uso de slogans de representatividade pelas empresas).

Assim, há tensionamentos nos discursos da transição capilar que são atravessados pelas estratégias de controle e de exclusão racializadas, mantendo certas normalidades, que também se relacionam com o gênero, considerando os silenciamentos denunciados pelas mulheres negras nos movimentos feministas. Esse mecanismo de exclusão, ancorado na invisibilidade, desumaniza e objetifica, tal como argumenta Mbembe (2017), será discutido na seção seguinte. Além disso, será explorado o potente processo de tornar-se negra, que também pode ser notado nas narrativas das mulheres transicionadas.

## **O GÊNERO E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO CORPO E NO CABELO**

Os discursos e as práticas que envolvem os cabelos também perpassam pelo gênero, por meio de estratégias racial-generificadas, ancoradas em enunciados de empoderamento, coragem e feminilidade. Esta última destinada às mulheres brancas e aos cabelos lisos, em uma beleza vinculada à estética que mantém normalidades.

---

<sup>4</sup>A partir das diferenciações feitas por Matos (2016) a respeito dos cabelos cacheados, crespos e afros, considero esse último como as diversas possibilidades de curvaturas e de cabelos das pessoas negras ou afrodescendentes, visto que, por essa perspectiva, torna-se mais englobante.

Nesse sentido, descreverei brevemente os movimentos feministas para destacar que as mulheres negras têm denunciado, desde muito antes da chamada primeira onda, as desigualdades e desumanidades que historicamente vivenciam. A exemplo do famoso e potente discurso de Sojourner Truth, em 1851:

[...] Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (Truth *apud* Ribeiro, D., 2018, p. 100).

Assim, ainda que as negras entendessem que precisavam lutar pelas suas existências, as mulheres (sobretudo, brancas, escolarizadas, de classes mais altas) que faziam parte das ditas primeiras ondas dos movimentos feministas, mesmo reivindicando a liberdade dos corpos e das sexualidades, não tinham interesse nas urgências das negras. A necessidade de pensar e de trazer para os debates feministas os atravessamentos de opressões das mulheres em diferentes realidades, por uma perspectiva interseccional – esta enquanto “[...] forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras [...]”. (Greenshaw, 2002, p. 177) – só aparece muitos anos após as primeiras reivindicações.

Em vista disso, ainda na dita segunda onda dos feminismos, as mulheres negras ecoaram ainda mais as denúncias de invisibilidades e os silenciamentos sofridos dentro desses movimentos. Não à toa, a perspectiva “não se nasce mulher, torna-se”, de Simone de Beauvoir, é ressignificada pelas negras aproximando-se do “tornar-se negra” defendido por Lélia Gonzalez (1984), no qual “As mulheres se tornam negras à medida que passam a entender sobre a importância desse reconhecimento”. Desse modo, este processo de construção da mulheridade negra

[...] reside na recusa de se deixar definir pelo olhar do outro e no rompimento com o embranquecimento; significa a autodefinição, a valorização e a recuperação da história e do legado cultural negro, traduzindo um posicionamento político de estar no mundo para exercer o papel de protagonista de um devir histórico comprometido com o enfrentamento do racismo (Cardoso, 2014, p. 973).

Cabe ressaltar que, durante o mesmo período, movimentos de resignificação negra, como o *Black Power* e *Black is Beautiful*, se popularizaram e resultaram em debates entre as pessoas ativistas brasileiras, numa cisão biopolítica que envolve a negação dos padrões de corpos, cabelos e de beleza socialmente construídos, resgatando tradições e resignificando as estéticas negras; uma luta pela existência das pessoas negras, negligenciadas e mortas pelas tecnologias do Estado já mencionadas.

Ainda que Foucault não tenha discutido sobre as concepções de gênero ao abordar as tecnologias sexuais, há algumas possibilidades de aproximações. Assim como propõe De Lauretis, “[...] o gênero não é uma propriedade de corpo nem algo existente a priori nos seres humanos, mas como ‘o conjunto de feitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’, por meio de ‘uma complexa tecnologia política.’” (De Lauretis, 1994, p. 208), convergindo, de certo modo, com a desconstrução proposta por autoras contemporâneas como Nicholson, que caracteriza gênero como “[...] formas culturalmente variadas de entender o corpo” (Nicholson, 2000, p. 14).

Outro ponto de destaque centra-se nas concepções de feminilidade, em oposição aos discursos de força e de coragem: às brancas são relacionados enunciados de delicadeza, encaixe nos padrões de beleza e de docilidade; já às negras os discursos voltam-se ao imaginário da animalidade, da coragem, da rebeldia e da exploração do corpo por meio do trabalho (em que a elas são reservadas as funções consideradas subalternizadas) e do sexo. Não à toa, pela perspectiva colonizadora, “o corpo negro foi marginalizado e suas características tidas como contrárias aos ideais de beleza, saúde, higiene e modernidade” (Santos, A.; Santos, M., 2016, p. 2).

Dessa forma, a partir dessas multiplicidades de corpos e de mulheres fica evidente que, com a transição, as pessoas transicionadas passam a se assumir enquanto negras e ver beleza nessa negritude, atuando na reinvenção das tradições (Gilroy, 2012) e das estéticas negras, conforme será exposto na seção seguinte, por meio das narrativas das participantes deste estudo.

## **NARRATIVAS E MEMÓRIAS DAS MULHERES ADEPTAS À TRANSIÇÃO:**

### **REGULARIDADES DISCURSIVAS**

Considerando a corporificação dos discursos de raça por meio do cabelo crespo e a rede de práticas responsáveis pela produção de subjetividades e de “dessubjetividades”, nesta seção, será apresentada a materialização do discurso-cabelo, este enquanto

[...] Cabelo/corpo/corporeidade negra feminina que age discursivamente simplesmente pelo fato de que quando se vê e é vista com um cabelo que as fazem se sentir livres e felizes, desloca não só a si mas também



outras com igual desejo de performativizar aquela possibilidade de liberdade (Souza; Muniz, 2017, p. 84).

Partirei para as narrativas das duas entrevistadas selecionadas, destacando alguns trechos nos quais a materialidade analisada se evidencia. Pensando nas regularidades discursivas e nos seus atravessamentos nas trajetórias dessas mulheres, se considera, também, os discursos de liberdade, de empoderamento e de normalidade que emergem nesses relatos.

Para a realização da pesquisa, quatro mulheres foram convidadas. Mulheres que aderiram à transição capilar nos últimos oito anos, a fim de observar o modo como essa mudança do cabelo pode exigir novas formas de ser sujeito, sendo lida como corpo discursivo (Butturi Junior, 2016). Neste artigo, volto-me para duas das narrativas e suas regularidades, considerando as aproximações observadas nesses discursos.

A primeira entrevistada será identificada como N.C.<sup>5</sup> e sua transição capilar iniciou-se em agosto de 2017 após anos alisando os cabelos (a primeira vez foi aos 13 anos), conforme relata no trecho a seguir:

[...] depois de um tempo, de uns seis anos, eu alisando o meu cabelo direto, começou a me dar reação da química, o meu couro cabeludo começou a dar casca, feridas, e então daí eu resolvi parar e começar a ver como é que eu realmente **era com o meu cabelo encaracolado**, [...] cacheado<sup>6</sup>.

O primeiro aspecto materializado na fala de N.C. se refere aos cabelos associados ao resgate da natureza: aderir à transição para “conhecer” o próprio cabelo. Nessa esteira, na sequência, ela revela como foi a experiência de fazer o Big Chop (corte das partes alisadas, num certo processo de “finalização” do processo de transição capilar):

[...] quando ela [cabeleireira] terminou de cortar que ainda não tínhamos nem lavado que eu passei a mão nele eu assim pra ela: nossa como o meu cabelo tá macio, era uma coisa assim maravilhosa, coisa que fazia tempo que eu não sentia a maciez realmente do meu cabelo né? Então ela falou pra mim: cara é o teu cabelo natural, esse é o aspecto dele [...].

Nesse sentido, a natureza aparece como condição de maciez. Assim, ambigualmente, os discursos de autoestima e de produção de si, por um lado, e de naturalização, por outro, evidenciam que o corpo e a raça, em certos momentos, relacionam-se com os enunciados de naturalização e, em outros, com os de autoestima e de bem-estar, que não tem a ver com a negritude. Por exemplo, em outra pergunta, a entrevistada afirma que, durante a transição,

<sup>5</sup>As entrevistadas serão referidas por suas iniciais a fim de preservar suas identidades.

<sup>6</sup>Os destaques na fala das entrevistadas são grifo próprio e aparecerão em negrito.

já deixou de ir a lugares por conta das texturas do seu cabelo nesse período, avaliado como “bonito” ou “feio” por uma perspectiva estética.

Todavia, ela nega ter sofrido algum preconceito por causa do seu cabelo, inclusive, não problematizando as relações entre a raça e a identidade, questionamento feito durante a entrevista: “[...] eu passei por uma fase aí de que eu me olhava no espelho e nem eu fazendo [...] a chapinha ou a escova eu achava que eu tava bonita, então eu acho que eu já deixei sim [...]”, evidenciando enunciados de autoestima nos quais o cabelo (re)constrói a subjetividade da transicionada. Essa materialidade se aproxima ao conceito de poder-corpo debatido por Foucault (2017), no qual esse corpo modifica as práticas das pessoas, que por sua vez se sentem mais ou menos bonitas e dispostas a aparecerem em público de acordo com o “estado” de seus cabelos.

Ainda foi perguntado se a entrevistada já havia se sentido obrigada a fazer coisas que não gostaria em seu cabelo para se adequar a certos padrões, e sua resposta foi: “Acho que sim, acho que na época em que eu alisei **a moda era ter cabelo liso né?** Então acho que por conta disso que também **pode ter sido um dos motivos de eu ali na adolescência ter alisado o meu cabelo, né?**”. Neste trecho, observa-se o deslocamento do cabelo liso, historicamente tido como padrão de beleza e, nos últimos anos, torna-se sinônimo de sujeição e de busca pela branquitude (Borges, 2016). No entanto, a entrevistada não problematiza a prática de alisar, mesmo associando-a a uma possível imposição.

Ademais, parece que, para N.C., a transição capilar está mais relacionada aos discursos de natureza e de transformação pessoal do que às lutas políticas que envolvem a negritude, como já mencionado. Isso é evidente, pois a entrevistada não estabelece nenhuma conexão entre a raça, a identidade e a transição capilar. Para ela, raça e identidade estão ligadas aos discursos de autoaceitação. Também é importante ressaltar o fato de a entrevistada definir o seu cabelo como encaracolado, em um movimento de retomada da “maciez” por meio do imaginário do cabelo ondulado ser o mais próximo do liso, o que pode ser compreendido como uma tentativa de “suavização” de características negras, conforme discute Matos (2016). Ela menciona apenas uma vez, de forma genérica, os cabelos crespos, sem considerar essas distinções e suas implicações políticas.

Como venho debatendo a respeito da relação entre a transição, o discurso e a subjetividade das transicionadas, N.C., ao falar do período de retorno aos cabelos naturais, deixa evidente como a prática da transição atravessa a construção da sua subjetividade:

Hoje eu me acho linda né? (risos) Mas enquanto eu tava na transição variava [...] eu gostava do meu liso por condição do comprimento né? Porque desde pequena mesmo eu tendo o cabelo cacheado eu sempre tive o cabelo comprido, quando eu alisei eu continuei com ele comprido e gostava muito [...] Hoje, ele mais curto eu me sinto diferente [...] eu era um pouco mais **tímida** assim em relação à comunicação, falar com

outras pessoas e **com ele assim hoje eu sei me expressar** mais e me aceito mais do jeito que eu sou [...].

Dessa forma, a “expressão” e a própria prática da transição materializam o discurso-cabelo que discuto neste trabalho, no qual a corporalidade e seus discursos atuam na construção de si dessas mulheres, em uma tecnobiodiscursividade (Butturi Junior, 2019). Além disso, tais discursos de transformação direcionam-se para as concepções de feminilidade através da aceitação do cabelo curto e cacheado. Por isso, a entrevistada também acrescenta:

[...] eu nunca me imaginei de cabelo curto então foi uma experiência muito boa [...] hoje eu com ele lógico tem dias que eu tô bem, tem dias que eu não tô, tem dias que eu acho assim: meu deus tô uma juba, tô um leãozinho, mas tem dia que **eu vejo que esse leãozinho tá lindo**, maravilhoso e hoje **eu me aceito** [...] e penso de uma maneira diferente, [...] tenho mais autonomia, [...] tenho mais **certeza do que eu sou** e hoje eu **tenho empoderamento** mais forte assim do que quando eu era lisa, [...] então hoje eu **me aceito do jeito que eu sou**.

Nessa fala de N.C., os trechos: “O leãozinho tá lindo”, o “aceito”, a “certeza” de quem se é demonstram que esses discursos causam positividade ao modificar o modo como o cabelo volumoso passa de estigmatizado à “macia perfeição”. Ainda neste trecho, tem-se o único momento em que ela menciona o empoderamento. Contudo, seu sentido difere-se da concepção proposta por Djamila Ribeiro (2018), que associa o empoderamento à busca pela autonomia do corpo. No caso de N.C., o empoderamento está relacionado novamente ao imaginário de autoestima e de beleza, evidenciando que os discursos que permeiam a transição capilar dela estão mais voltados à perspectiva estética e ao “cacho perfeito” discutido por Giampá (2016).

Para a autora, o imaginário de cabelo crespo ou cacheado perfeito responde aos interesses de um mercado potente que, a fim de atender às urgências, lança frequentemente diversos produtos para os cabelos afros e em transição capilar nos últimos anos. Nesse sentido, a narrativa de N.C. evidencia que a adesão à transição capilar também pode ser resultado da popularização dos cabelos cacheados, como discute Giampá (2016), mencionando a ditadura do cacho perfeito, e não tem por objetivo a reinvenção da negritude, por exemplo.

Dando continuidade às análises, a segunda entrevistada, M.J., iniciou sua transição capilar em 2014, após anos vivendo a experiência do alisamento, como relembra no trecho:

[...] eu tinha o cabelo longo né? **Sempre tive a raiz muito alta e isso me incomodava**, então eu já vinha num processo de relaxamento e resolvi cortar e quando eu cortei eu perdi meio que meus cachos [...] e daí eu não via jeito de tá ajeitando e comecei a fazer um alisamento e daí passei acho que 5 anos fazendo alisamento [...] Progressiva, relaxamento e até que chegou um momento que eu percebi assim que eu **tava ficando**

**meio escrava** né? desse processo e **não tava me reconhecendo mais** [...] toda semana eu tinha que fazer escova no cabelo, porque **por mais que eu fizesse**, passasse o produto químico, **ele não ficava** ainda, eu tinha que dar mais um reforço com escova, enfim, e isso me cansou, foi me cansando e eu comecei a perceber que **eu tava refém daquilo** e aquilo começou a me fazer mal, assim, e passei a perceber também que **eu não me identificava mais comigo**, eu ficava: mas eu não sou assim, o meu cabelo não é assim (risos) e como que eu não vou gostar do jeito que ele é mesmo e com aquela raiz grande eu já tava cansada de ir pro salão e fiquei muito em dúvida assim o que eu ia fazer que eu conheci esse espaço onde eles te auxiliam bastante, foi um passo bem grande, eles fazem um trabalho assim bem legal nessa parte da transição e daí eu fui voltando.

Neste excerto, destacam-se as metáforas discursivas entre escravização e alisamento compulsório, no qual a entrevistada se torna "refém" do seu cabelo, e o corpo aparece como método de controle do/a/e sujeito/a/e. Tais discursos também surgem em outros momentos durante a entrevista, como quando questionada a respeito das possíveis técnicas de estilização (como *laces*, tranças, uso de secador e chapinha) que utilizou durante a transição capilar, M.J. afirma: "[...] **aboli a chapinha**, nunca mais usei chapinha". Além disso, na fala da entrevistada também aparecem os discursos de subjetividade e de reconhecimento que passam pelo cabelo: "eu não me identificava mais comigo", revelando uma necessidade de afirmação e conhecimento de si por meio do cabelo natural.

A respeito da aceitação dos fios e suas relações com a escolha por alisar ou não os cabelos, é importante observarmos mais detidamente a memória de M.J. sobre sua mãe: "[...] **a minha mãe quando eu era muito pequena ela já passava produto para alisar o meu cabelo, porque ela tinha o cabelo crespo e não queria que o meu cabelo fosse igual o dela**". Nesse relato, vê-se o incentivo da mãe ao alisamento, talvez como um processo de adequação da filha à norma branca, os microrracismos de que trata Mbembe (2017). Todavia, apesar da figura da mãe surgir nesse lugar de adequação, M.J. não problematiza aspectos de raça e identidade quando é questionada sobre eles. Inclusive, os discursos de raça, assim como nas falas de N.C., não aparecem diretamente em seus relatos.

Adiante, marcadamente observamos os discursos de autoaceitação e de reconhecimento da natureza por meio do cabelo afro em outro trecho da entrevista. M.J. diz: "A transição representa muito forte assim esse **reconhecimento de mim mesma**, de trazer o **meu natural**, como eu sou, uma aceitação, acho **que uma aceitação do que eu sou**, assim". Acrescento, aqui, outro trecho que também evidencia as discussões que venho propondo sobre esse discurso-cabelo que atua na construção das subjetividades dessas mulheres: "[...] com certeza vale a pena [passar pela transição capilar], **recuperar essa identidade**".

Portanto, através da narrativa de M.J., assim como em N.C., os discursos centrais demonstram o reconhecimento de si por meio do cabelo afro, que parece “resgatar” a identidade da entrevistada, ainda que ela não esclareça de que identidade se refere. Desse modo, a natureza destacada por M.J. não tem relação com os discursos de reforço das tradições ou das origens negras. No entanto, ao longo da entrevista, ela se refere aos cabelos como crespos, tal como no trecho: “[...] eu fui **passando a gostar cada dia mais do meu cabelo e me aceitar assim, crespo mesmo, do jeito que eu sou** e tô muito contente com o resultado hoje”. Este relato possibilita pensarmos que esse resgate de si mesma pode ter, mesmo que de forma superficial, relação com a raça e a negritude pois, de acordo com Matos (2016), cabelos crespos são traços das ancestralidades africanas.

Neste sentido, mesmo que a negritude não seja o foco de questionamento para M.J. e, se levarmos em conta o relato sobre sua mãe, ela atravessa a sua subjetividade desde a infância. Esse atravessamento cria efeitos positivos a partir da discussão da mesma autora de que, ao retornar aos cabelos afros, as mulheres transicionadas contribuem, ainda que não sejam esses os seus propósitos, para uma possível visibilidade e afirmação das estéticas negras, as quais, conseqüentemente, são retiradas do lugar de negatividade. Nessa esteira, Renata Ribeiro reflete a respeito dos conhecimentos construídos a partir da transição capilar enfatizando que:

Antes de existir na farmácia um shampoo que diz “*liberado para no/low poo*” (e faço questão de explicar isso para as mais novas) essas mulheres [...] fizeram sabe o quê? Descobriram o que era sulfato, parabeno, anfótero, parafina, silicone insolúvel, óleo mineral... passaram a ler a composição dos produtos. [...] Descobriram que componentes ajudavam ou atrapalhavam o cabelo. Que componente era hidratante, qual conferia um poder nutritivo e qual ajudava na reconstrução do fio muito danificado. Elas aprenderam como era a estrutura de um fio de cabelo. Existe um negócio chamado “cutícula”. Na falta de bons profissionais que soubessem lidar com o cabelo cacheado/crespo, elas desenvolveram suas próprias técnicas. Aprenderam a cortar o cabelo em casa, sozinhas... elas aprenderam como lavar o cabelo com condicionador, o famoso “*co-wash*”. [...] Ensinar como “batizar” um creme de farmácia baratinho, que produtos da cozinha você poderia usar no cabelo... Método LOC, LOMC [...] No grupo amigas cacheadas, tinha um documento que se não me engano foi feito pela Eliane Serafim e Daniela Lisboa [...] Era a lista de todos os produtos liberados e em que etapa do famoso “*cronograma capilar*” eles se encaixavam, quais dias da semana você deveria usá-los. [...] Elas aprenderam fazendo, testando, gastando seu dinheiro pra comprar produto. Lendo muito, assistindo vários vídeos no YouTube. Vendo vídeos em inglês sem falar inglês, apenas para prestar atenção nas técnicas das americanas, copiando seus gestos (Ribeiro, R., 2018).

Ao mesmo tempo, a popularização dos movimentos de transição capilar, ao que parece, instaura o cabelo crespo como mecanismo estético de padronização com o imaginário de cacho perfeito (Giampá, 2016), que envolve uma busca por esse novo padrão. Assim, pensando na regularidade dos discursos que venho afirmando, para concluir a análise dessas narrativas, nota-se que os cabelos são considerados pelas entrevistadas como “[...] atributos de beleza e de uma estética mais natural” (Mattos, 2015, p. 46) em que raça e origem não são problematizadas, incluindo, ainda, o fato de que o desejo ao “natural” se refere ao cabelo cacheado. Dessa forma, ficam evidentes as ambiguidades dos discursos de natureza, ora associado à busca das origens negras, ora referindo-se à produção de si, em uma busca pela originalidade.

Além disso, foi possível observar a centralidade dos discursos de liberdade e de empoderamento, como já mencionado. Porém, é notável a relação entre esses discursos e o mercado, que permeia as falas das mulheres entrevistadas, ancorando-se na busca pela autoestima e pelo amor próprio, na tentativa do reconhecimento de si que passa pelo corpo e pela subjetividade. Diante disso, mesmo que existam tensionamentos, o cabelo (re)constrói as subjetividades das mulheres transicionadas, pois atua na transformação de si para além da materialidade corporal, em uma (res)significação.

A partir dessa (res)significação, cria-se e estimula-se uma rede de saberes sobre a transição e os cabelos afros, na qual as mulheres negras buscam produtos, técnicas e salões de beleza especializados nos seus cabelos e nas suas especificidades. Em razão disso, para concluir as reflexões sobre essas regularidades, as cisões biopolíticas racializantes permitem pensar nos deslocamentos de raça, gênero e corpo: dos cabelos afros como sinônimo de resgate das origens, ao mesmo tempo em que são vinculados à beleza e à maciez estética, também por meio da recusa dos padrões brancos e lisos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi analisar os discursos sobre práticas da transição capilar, considerando o jogo ambíguo no interior desses discursos que, por um lado, produz subjetividades e, por outro, “dessubjetividades”. Parti, então, da polivalência tática dos discursos foucaultiana (2017) para observar as regularidades discursivas que emergem nas narrativas de duas mulheres que passaram pela transição capilar nos últimos anos, que participaram do estudo realizado ao longo da minha pesquisa de mestrado a qual procurei apresentar aqui, em um recorte.

Assim, busquei compreender como a (re)invenção e a (re)significação das tradições e das estéticas negras aparecem ancoradas em um discurso de empoderamento e de resgate das origens, ao mesmo tempo em que resultam em um aumento notável no interesse mercadológico em atender a essa nova urgência – de um público em transição capilar.

No deslocamento das construções culturais gênero-raciais-corporificadas, analisei a prática da transição capilar, que faz parte dos movimentos de recusa dos padrões de corpo e de cabelo e o viés mercadológico também verificado nesse processo, a partir da comercialização de produtos com slogans de representatividade e de empoderamento. Sob a ótica desses movimentos de recusa, abordei, ainda, as práticas de reinvenção da negritude no dispositivo da transição capilar, intensificadas por discursos que criam um efeito positivo de “tornar-se negra”.

Propus, também, uma reflexão sobre racismos como estratégia biopolítica contemporânea para discutir sobre os cabelos lisos enquanto normalidade e imposição estética que, conseqüentemente, geram uma busca pela branquitude. Isso resulta em cisões perceptíveis nesses movimentos de recusa dos padrões socialmente impostos às pessoas negras, considerando a prática da transição capilar como parte do dispositivo que opera na transformação de si das mulheres que decidem retornar aos cabelos “naturais”.

Através das narrativas apresentadas neste artigo, analisei as regularidades discursivas identificadas nesses relatos, que evidenciaram as ambigüidades do dispositivo da transição capilar. Os discursos se concentram principalmente no desejo por um cabelo esteticamente bonito, mas que, ainda assim, produzem positivities ao possibilitar a subjetivação dessas mulheres.

Encerro, portanto, afirmando que, neste estudo, por focar no jogo polivalente dos discursos, busquei apresentar possibilidades de análise sobre o dispositivo da transição capilar, compreendendo que as discussões permanecem em aberto para que sejam ressignificadas, levando em conta a plasticidade desse dispositivo.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, B. *Black Power nos Estados Unidos: o movimento por direitos civis*. 03 mar. 2016. Disponível em: <https://historiandonaneto7.wordpress.com/2016/03/03/black-power-nos-estados-unidos-o-movimento-por-direitos-civis/>. Acesso em: 02 set. 2023.
- BUTTURI JUNIOR, A. As formas de subjetividade e o dispositivo da aids no Brasil contemporâneo: disciplinas, biopolítica e fármakon. In: QUINO, V. C.; CRESTANI, L. M.; DIAS, L. F.; DIEDRICHM M. S. *Língua, literatura, cultura e identidade: entrelaçando conceitos*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, p. 59-78, 2016.
- BUTTURI JUNIOR, A. O hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, p. 637-657, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So103-18132019000200637&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-18132019000200637&tlng=pt). Acesso em: 02 set. 2023.

CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757/28579>. Acesso em: 10 set. 2023.

GREENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France, 1975-1976*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GIAMPÁ, S. *O livro dos cachos: aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é*. São Paulo: Paralela, 2016.

GILROY, P. *O atlântico negro*. Trad. Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

MATOS, L. Transição capilar como movimento estético e político. In: *I Seminário Nacional de Sociologia da UFS*. Anais [...]. Sergipe: UFS, p. 845-858, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/viewFile/6082/5095>. Acesso em: 16 mar. 2019.

MATTOS, I. G. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*, Alagoinhas: Pontos de Interrogação, v. 5, n.2, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2164>. Acesso em: 02 set. 2023.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Editorial Melusina, 2011.

MBEMBE, A. *A crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Portugal: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Trad. Marta Lança. Portugal: Antígona, 2017.

MONTEIRO, D. "Hoje eu sei me expressar": os discursos de empoderamento e de naturalização nas narrativas da transição capilar. 2020. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219284/PLLG0818-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 abr. 2024.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 09-41, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>. Acesso em: 20 set. 2023.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 9-26, 2000.

SANTOS, A. P. dos; SANTOS, M. R. dos. Eugenia no Brasil: os discursos sobre gênero, raça e nação e o branqueamento estético. In: XI Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, 2016. *Anais [...]*. Disponível em: [http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/6/1471464277\\_ARQUIVO\\_ArtigoANAPPAULAMTSANTOSMARINESRSANTOS.pdf](http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/6/1471464277_ARQUIVO_ArtigoANAPPAULAMTSANTOSMARINESRSANTOS.pdf). Acesso em: 05 set. 2023.

SOUZA, A. L. S.; MUNIZ, K. S. Descolonialidade, performance e diáspora africana no interior do Brasil: sobre transições identitárias e capilares entre estudantes da UNILAB. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 18, n. 2, p. 80-101, 2017. Disponível em: [periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/27016/19293](http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/27016/19293). Acesso em: 14 set. 2023.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, R. A. *Transição capilar e produção de conhecimento*. 22 maio 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/transicao-capilar-e-producao-de-conhecimento/>. Acesso em: 07 set. 2023.

Recebido para publicação em: 30 set. 2023.

Aceito para publicação em: 5 jan. 2024.